

# A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XX

Semanário regionalista

N.º 634

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense  
FIGUEIRO DOS VINHOS

Director, Editor e Proprietário:  
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu  
FIGUEIRO DOS VINHOS

## Mais projectos

O Presidente da nossa Câmara acompanhado dum técnico foi a Alge na corrente semana, a fim de fazer o estudo duma fonte destinada ao abastecimento público daquela localidade.

—A Comissão de Melhoramentos da Póvoa, com sede em Lisboa, dirigiu-se ao sr. Presidente da Câmara, no sentido de contribuir para a estrada em construção para o seu lugar.

—A Comissão de Melhoramentos do Singral igualmente se dirigiu ao sr. Presidente da Câmara, a fim de contribuir para a construção da estrada que vai servir o seu lugar.

—E também a Comissão dos Melhoramentos de Peralcovo, com sede em Lisboa, pediu à Câmara no sentido de esta auxiliar a construção duma capela em Peralcovo.

## Dr. Augusto Ferrer Antunes

Depois de passar as férias com sua família, regressou hoje a Coimbra o sr. dr. Augusto Ferrer Antunes distinto professor do Liceu D. João III com sua ex.ma Esposa e filho.

## Virgilio Martins Henriques da Costa

Terminou e, com elevada classificação o curso do magistério de ensino primário oficial o sr. Virgilio Martins Henriques da Costa, nosso estimado amigo e filho do sr. Virgilio Henriques da Costa, gerente do Grémio da Lavoura.

Ao futuro professor e seus pais apresentamos sinceras felicitações.

## Encorporação de recrutas

São encorporados até 8 do corrente mês a maior parte dos manebos apurados para o serviço militar, os quais devem solicitar na Câmara Municipal deste concelho as respectivas guias.

## Capitão Jorge das Neves Larcher

Em Lisboa, onde já residia há muitos anos, faleceu na pretérita segunda-feira, dois do corrente, o nosso estimado amigo Jorge das Neves Larcher, capitão reformado e nosso antigo colaborador.

Este nosso amigo que a morte nos roubou tinha apenas cinquenta e quatro anos.

Mas apesar disso deixou uma folha de serviços como militar exemplar e diversas publicações, devendo destacar-se «os Castelos de Portugal».

A família enlutada, particularmente à inconsolada viúva, apresenta «A Regeneração» sentidos pesames.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

## Doutrinação Política

Mercê duma política sábiamente conduzida por chefes, que souberam despertar a consciência nacional e salvar o País do marasmo em que se afundava, Portugal reencontrou-se

Na confusão e na desordem nem tudo se perdera: havia ainda latente uma reserva de valores, uma consciência firme com que o País podia contar, e que era nem mais nem menos do que a reserva ancestral das virtudes de um pequeno povo que foi grande de heroísmos e soube impor-se à admiração do Mundo. Para essa consciência se apelou na hora própria; e nela encontrou o País, mais uma vez, o esteio que amparou a sua própria reconstrução.

Dêsse trabalho de todos os dias, que há dezanove anos se vem transformando nas mais belas realizações, resulta uma obra de conjunto que só os cegos ou os mal intencionados, serão capazes de apoucar.

Mas do muito que já se fez, muito há ainda para fazer.

Aliada à boa vontade dos homens que servem a Nação, necessário se torna que a doutrinação política seja ainda mais unitária, mais uniforme, mais viva — para que os resultados sejam mais harmónicos, com vista a um único fim superior, belo e perdurável para a comunidade de todos os portugueses.

Não visam outro fim as sessões de propaganda que a União Nacional está a levar a cabo nas principais capitais de distrito, com vista a levar a todos os espíritos a doutrina da Revolução e a transformar em realidades todo o seu poder criador.

Há que reajustar princípios, limar arestas, formar, enfim, consciências aptas a bem servir o País, identificadas com os princípios informadores e com os fins da ética do Estado Novo.

Não pretende a União Nacional educar alguns — mas instruir a todos: massas de trabalhadores e escola intelectual.

Alcançado êste duplo objectivo tóda a Nação orientada pelo mesmo alto ideal, conscientemente unida à volta do interesse pátrio e dos governantes que o encarnam, — encontrará aquêles bem-estar geral implícito na idéa do bem comum e ambicionado por todas as consciências sérias.

## Palavras de sempre e de hoje

### A Realidade Nacional

«A primeira exigência da política nacional, como o primeiro dever dos governantes, é o reconhecimento, é o sentimento profundo da realidade objectiva da Nação portuguesa em tóda a extensão territorial da sua Metrópole, das suas Ilhas e das suas Colónias, em todo o conjunto da sua população — uma realidade histórica e uma realidade social. Nela estão encorporados e por ela vivem os indivíduos, as famílias, os organismos privados e públicos. E na unidade resultante da sua integração e da concordância profunda dos seus interesses,

### A verdadeira administração

«A verdadeira administração tem sempre atrás de si um conceito de Estado, de finalidade social, de poder público e suas limitações, de justiça, de riqueza e das funções desta nas sociedades humanas, que re dizer, uma doutrina económico-política, se quereis mesmo, uma filosofia.»

ainda que às vezes aparentemente contrários, não há que separá-los ou opô-los, mas que subordinar a sua actividade ao interesse colectivo.»

### Valor das Soluções Definitivas

«Se em tóda esta colmeia trabalhadora que aliás tem permitido a sucessiva elevação do nível geral da vida há ainda os obreiros sem aquelas garantias que ousamos proclamar como direitos — o do trabalho e o da família — todos têm a segurança de que os compromissos da revolução se cumpram e de que se não adoptam soluções precipitadas é para não comprometer soluções definitivas.»

## De visita

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo sr. dr. José Fernandes de Carvalho, que vinha acompanhado de seus irmãos drs. Manuel e António professores do ensino secundário, respectivamente em Portalegre e Porto.

## Festividades Religiosas

Como dissémos no nosso último número, realiza-se amanhã, em Vilas de Pedro, a tradicional festa em honra de Nossa Senhora do Pranto.

Também no domingo seguinte, 15 do corrente, realizar-se hão os festejos a Nossa Senhora da Graça e Sagrado Coração de Jesus, em Campêlo, que prometem ser brilhantes.

Estas festividades são abrilhantadas pela Banda Municipal deste concelho.

## Novos Lusíadas

Depois de abençoados na missa resada na histórica capelinha do Outeiro, os componentes da Ala de Portalegre da M. P. iniciam a marcha Abrantes — Aljubarrota, com paragem em Fátima, onde a Cova da Iria é mais um padrão da tau-martogia lusíada.

Chegados ao local onde «deu sinal a trombeta castelhana», naquela manhã encharcada de sol, osromeiros encaminhar-se-ão para a Batalha e na Casa do Capitulo — que para vencer a voragem dos séculos só se julgou segura quando erguida por artífices portugueses, — depositarão uma bilha de azeite votivo das votivas oliveiras da nossa terra, para o lampadário da Pátris.

Assim terminará a «Marcha do Condestável» que a Ala de Portalegre executará com a galhardia de gente móça.

E já agora... E já agora, seja-nos licito divagar um pouco.

Se nos fôsse dado auscultar o mistério do túmulo, assistiríamos, quando a Ala transpuzera, para o último adens ao Santuário Joanino, a Capela do Fundador, assistiríamos, (voltamos a dizer) à parada dos Cavaleiros: Dom João I e a inclita Geração em continência — o velho Portugal de Aljubarrota e Caut, de montantes erguidos numa profissão de fé, afirmando aos moços de Portugal que, se tracejou com esforço e sacrifício, as fronteiras da Pátria d'aquém e além-mar, foi com a certeza certa de que o mesmo esforço e sacrifício são timbre perfeito da Mocidade de hoje — a quem cabe continuar o Portugal de sempre.

O mesmo espera de vós, bravos rapazes!, o Chefe, Salazar, que fês da Pátria «Pessoa de bem» como garantia forte para vós, LUSÍADAS do Portugal-Mocidade.

SALAZAR

## Frente a frente às realidades

O tráfico ferroviário vai ser reduzido nos próximos sessenta dias. Os eternos maldizentes e egoístas, sem atender a razões nem medir as consequências, dirão as palavras habituais de queixume a ver se avoluma o mal-estar inevitável.

Se se pensar, porém, com seriedade e sinceridade, nas razões que forçam o Ministro das Obras Públicas e as Comunicações a seguir tal solução—há-de concluir-se que é o Governo o primeiro prejudicado e que só se consentiu oficialmente a redução, quando todas as esperanças de evitá-la se perderam, por culpa de factores que nos atingem duramente, sem que em nada contribuíssemos para a sua existência.

A continuar a presente exploração ferroviária — dentro em pouco todas as reservas de combustível estariam esgotadas, o que provocaria a paralisação total dos transportes por caminho de ferro. Em face de tão trágica ameaça — teve o Governo de permitir a anunciada redução, a título provisório, na expectativa de, tal medida, sem dúvida prejudicial, impedir um mal gravíssimo. Do estrangeiro, donde se contava receber, desde o início do ano corrente, cerca de 50.000 toneladas de carvão — o estritamente necessário para a manutenção do tráfico estabelecido — recebemos apenas 9.000, um quinto do que se esperava.

Por outro lado os proprietários das matas nacionais, sem verem que não facilitando a regularidade dos transportes prejudicam os interesses próprios por dificultarem a drenagem dos produtos e não têm correspondido ao que deles era de esperar, no cumprimento das medidas tomadas para substituir, com reservas de lenha, a deficiência de carvões. Não tem o Governo descurado esta parte do problema; mas as medidas coercitivas não podem conduzir a resultados tão rápidos, como seriam os que daria a pronta obediência dos mencionados donos de lenhas às determinações oficiais.

Assim, enquanto se não consegue aumentar com a importação a reserva de carvões e enquanto não dão efeito as sanções aplicadas aos proprietários das matas, vê-se o Governo coagido a consentir a redução do tráfico ferroviário, na esperança de, como ela, evitar um mal bem maior e mais funesto à economia nacional.

Não estamos em guerra, mas, mesmo assim, sofremos-lhe repercussões bem graves, as quais só podem ser atenuadas se cada português se compenetrar dos deveres que lhe cabem. Uma leal compreensão dos motivos que justificam as medidas agora tomadas e se impõe, para que no ânimo de todos se intensifique a vontade de solidariedade minorar um mal que não depende de nós, mas que, nem por isso, o Governo se dispensa de fazer quanto se já necessário para resolver quanto antes, com vista ao bem geral da Nação, superior a meros interesses individuais.

## Conforto e comodidade

Aluga-se AUTOMÓVEL ao K.º conduíte de 5 lugares

Atendem-se chamadas a qualquer hora

A. D. Campos

## Doenças

*Aparecem a antracosa da ervilha, que ataca as vagens, a ferrugem, e o mildio (Peronospora viciae), que invade as fôlhas.*

*De todos a mais grave é a ferrugem, imprópriamente denominada alôrra. Causa-a o fungo Uromyces fabae Soehroet., que ataca também a faveira e outras plantas.*

*Aparecem primeiro manchas descoradas nas fôlhas, as quais depois se cobrem de pequenas pústulas pulverulentas de côr castanho-escuro, de comêço arredondadas e por fim ovais ou elípticas. Ao fender-se longitudinalmente soltam um pó côr de tabaco, que serve para a propagação do mal.*

*A planta definha, enegrece e seca o ataque é forte. A perda então é total mas se sobrevém tarde, quando as primeiras vagens já granaram, ou engradaram, ainda se salva parte da produção.*

*Favorecem na os terrenos e os anos húmidos assim como a matéria orgânica mal decomposta. E, por isso, no Baixo Alentejo é mais de temer, segundo observou o agrônomo Mira Galvão na região dos Barros e terrenos argilo-calcários, nos anos de Primavera húmida, principalmente durante os meses de Março e Abril. Culturas que às vezes se apresentam lindíssimas, depois de uns dias de chuva, seguidos de sol quente, são completamente aniquiladas.*

*A natureza do terreno pode ter influência. A propósito escreveu Mira Galvão: «Há três anos que cultivo lentilhas em terreno de reacção ácida e semiácida dos xistos, conservando se completamente imunes à doença, ao passo que nas culturas dos terrenos argilo calcários, num destes anos perderam-se-me as culturas por completo e noutra em grande parte. No período indicado houve um ano em que as lentilhas não foram atacadas e produziram bem».*

*No tratamento, a pulverização com enxôfre não têm dado resultado. Mais eficaz será a pulverização com uma calda sulfocálcica ou calda sulfobórica.*

*É recomendável: — o enxugo do terreno; — o uso de sementes desinfectadas com poderoso fungicida; — e a abolição das estrumações orgânicas, principalmente com estrume fresco e mal decomposto.*

Do Agricultor Português

Auxíliio e Socôro de Inverno amor.

## Sabedoria do Povo

Não digas tudo o que sabes, nem ereias tudo o que ouves.

Ninguém se há de ser filho, senão quando chega a pai.

O amor é como o fogo: quanto mais tapado está, melhora se conserva.

Quem tem esperança tem paciência.

Quem foge da ocasião, não azo à tentação.

Daum espinho nasce a rosa e desta, outro espinho.

Da pequena bustela, faz-se grande mazela.

O melhor espelho é o amigo velho.

O homem quer e Deus manda.

Exército bem provido, tarde ou nunca é vencido.

Não há boas leis porque se mandam, mas porque se guardam.

Quem faz o mal, calhe outro tal.

Para quem não quere, temos nós muito.

Por onde vás, tal como vires, farás.

Quem mal quere, por mal espere.

Não há ausentes sem culpas, nem presentes sem desculpas.

Uma vez perdida a vergonha, de nada valem os castigos.

Não há palavra mal dita, se não for mal entendida.

A quem aborrecem maldades, fuja dos homens.

Aquele há-de chorar que teve bem e veio a má.

Quem injuria, está pronto o peidoar.

Mais vale perder-se o homem que o nome, se este é bom.

Quem arreda asso, arreda peado

Pardal que tem fome, vem abaixo e come.

Feliz quem sempre espera.

A sorte faz parentes e a escôlha faz amigos.

Sobram as culpas, onde falta o amor.

## Casamento

No passado dia 3 do corrente teve lugar o casamento religioso da menina Almerinda Abreu Arinto, filha do nosso assinante sr. António Simões Arinto, armazemista de lanifícios da nossa praça e da sr.a D. Alice Abreu Arinto, com o sr. Fernando Libório Marques, empregado comercial, filho do sr. Manuel Libório, chefe da Central da C. P. nesta vila e da sr.a D. Ermelinda Marques Libório.

Foram padrinhos por parte da noiva, o sr. Antero Simões Seguro, conceituado armazemista de Lanifícios, desta vila e sua ex ma esposa sr.a D. Maria do Carmo Seguro e por parte do noivo, o sr. Luiz Ferreira de Oliveira, importante comerciante de mercearia e sua ex ma esposa D. Maria Magna Libório de Oliveira.

Ao acto que se realizou na Igreja Paroquial desta freguesia, assistiram as pessoas de família muitos convidados das relações dos noivos, no fim do qual foi servido um abundante copo de água, a que assistiu o reverendo Arcipreste sr. Padre António Inglez, que saudou os noivos num brilhante e primoroso improviso. Aos noivos os nossos parabens.

## Pagamento de assinaturas

A fim de fazerem o pagamento de assinaturas, estiveram na nossa redacção, os nossos estimáveis amigos:

Majr Neutel de Abreu — Figueiró  
Manuel Jorge Carreira — Lomba da Casa — Cercal

Albano dos Santos Abreu — Braga  
Justino Mendes Medeiros — Figueiró

José de Sousa e Silva — Tancos  
José da Silva Coelho Júnior — Aldeia da Cruz

Pelo sr. Gustavo Coelho Godet, foi paga a assinatura do sr. João Francisco Mendes — Bissau  
Manuel Simões Arinto — Couteiro Grande

Manuel Alves da Rosa — Funchal

A quem tem muito dão-lhe mais.

Mulher palreira, fraca fiandeira.

Quem não é por mim, é contra mim.

Copilação de...

Ninguém

## Para as novas gerações

Tem sido preocupação dominante do Governo de Salazar a valorização e o engrandecimento do nosso Império Ultramarino. Além das realizações que tem sido efectuadas com persistente e elevada orientação, avulta a obra da solidarização de sentimentos que constitui, só por si, motivo de orgulho de uma política nacional. Em nenhum tempo se notou tão ingente acção, impondo-se à admiração de nacionais e de estrangeiros e lembrando, bem alto, que a herança secular, agora valorizada e acarinhada, é um penhor que a geração da Revolução Nacional lega às futuras gerações para que constituam essa obra sem desfalecimentos nem constrangimentos, olhos postos no exemplo legado e nos superiores interesses da Nação.

Daqui resulta a necessidade da acção que, em boa hora, a Comissão de Colónias da União Nacional, organismo que vela superiormente pelos interesses da política portuguesa, expôs ao Senhor Ministro da Educação Nacional na preocupação de que as novas gerações tenham compreensão nitida do esforço desenvolvido, fervoroso sentimento para o continuar e enaltecer e que, na sua orientação ideal e na sua preparação prática, vizem a missão suprema de Portugal no Mundo que, desde há séculos, valoriza a civiliza terras e povos.

De forma alguma esta iniciativa da União Nacional veio lembrar um esquecimento, mas avivar e realçar uma necessidade, valorizar e exortar actividades já existentes, pugnar para que elas sejam cada vez mais extensas e intensas em tudo que signifique obra de cultura e de espirito, para um robustecimento cada vez maior da nossa solidariedade de afectos e de idéias em prol da civilização e da humanidade.

Bem legítima se torna esta aspiração que encontrou consciente e entusiástico acolhimento.

Tomar conhecimento da nossa grandeza e das nossas responsabilidades, ter sempre bem presente nos esperitos os nobres destinos da Nação Portuguesa, saber que a obra que se realiza se torna cada vez mais imperiosa da intervenção directa e pessoal e exigente dos melhores esforços e dos melhores obreiros, é programa que avassala toda a juventude portuguesa, dentro e fora da escola, e que prepara, nas consciências e nos meios de acção, a continuidade deste período de exaltação que é, incontestavelmente, um dos de maior actividade e significado na valorização e no progresso do nosso Império Ultramarino.



Na frente ocidental o avanço dos britânicos prossegue

# SEGREDOS Política Agrária

Pelos segredos se conhece a extensão ou o acanhamento das pessoas pelo que toca às faculdades de caracter. O espírito pequenino aspira a sabê-lo e dá-se por muito lisongeador quando lhe confia algum; pelo contrário, a pessoa de ânimo rasgado com tendências espirituais elevadas dá-se por constrangida quando a liberalidade dum amigo ou um leviano conhecido vem pô-lo ao facto desta ou daquela particularidade íntima do seu viver. Teme-se pelo menos que o facto conste por outra via e se nos atribua a nós a rotura do segredo confiado.

Conta-se de Guilherme III de Inglaterra, que marchando para uma expedição militar se lhe aproximara um coronel e lhe pedira que o puzesse ao facto do seu plano. O rei em lugar de mostrar-se agastado com a impertinência, perguntou-lhe se podia contar com a sua descrição. Que sim, garantiu o oficial, pois sabia muito bem como se guardava um segredo. Eu sou como vós; também sei como se guarda um segredo...

A palavra segredo mortificava muita gente. Sabê-los, descobri-los, divulgá-los, parece que é esse o destino de muita gente. Pois houve um autr inglês (William Penn) que deu à humanidade um dos mais salutares conselhos que já mais teem saído de lábios humanos. «Guarda os teus segredos e não busques saber os dos outros».

Quem não souber o que pôde haver de gravidade na divulgação dum segredo, pergunte-o ao padre Vieira, e elle lhe dirá: «Exército roto pode-se refazer com soldados, um segredo roto não se pode soldar com exércitos».

Por seu lado São Mateus afirmou com veemência e convicção que «não há nada oculto que não deva ser descoberto, nem segredo algum que não venha a ser conhecido».

Não se veja nisto um pretexto para não os guardarmos; sim, devem as pessoas tomar as palavras de São Mateus como um aviso paternal de que devemos o menos possível ter segredos nossos ou ser depositario dos alheios.

Luiz Leitão

## Agradecimento

A família de Manuel Dias Baeira, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam o seu querido marido, pai, avô, sogro e parente à sua última morada. A todos o seu eterno reconhecimento.

Vende-se Um lugar de azeitão, ou só o Alvará, com prensa hidráulica. Nesta redacção se diz.

Baseado na realidade de que a actividade agrícola absorve cerca de 50,1º da população portuguesa, o Ministério da Educação, depois de rever as condições em que está sendo ministrado no País o ensino agrícola, determinou que a iniciativa particular fôsse concedida facilidades e, em certos casos, o próprio apoio estadual, para a constituição de escolas de ensino agrícola elementar e médio.

Ao promulgar-se tal determinação, foram consideradas, a-par da realidade primária da amplitude das actividades agrícolas entre nós, outras realidades concomitantes que se impunha ponderar, para que a solução adoptada viesse a determinar-se em função da boa equação do problema.

Verificando se, por um lado, que os candidatos à frequência das escolas médias de ensino agrícola excediam a capacidade de tais escolas; e sabendo-se, por outro lado, que o excesso da frequência prejudicaria a eficiência dum aprendizado que as explorações anexas a cada estabelecimento condicionam por sua própria extensão — duas soluções apenas eram susceptíveis de adopção: ou criaram-se novas escolas oficiais de ensino médio, ou permitir a iniciativa particular a constituição delas.

A criação, porém, com carácter oficial, além de accentuar a já notável desproporção entre o numero de unidades escolares médias e elementares, privava o ensino da cooperação sempre vantajosa das iniciativas particulares, onde mérito, entusiasmo e muito boa-vontade surgem tanta vez, a aumentar o rendimento, quando o Estado patrocina, regulamentada e devidamente fiscaliza.

Adoptou-se, pois, a solução de confiar a iniciativa particular um papel de cooperadora do Estado na formação de técnicos para a lavoura nacional, dispondo-se o mesmo Estado a orientar e apoiar, materialmente mesmo, o espirito de iniciativa da actividade privada.

Assim, tanto vale intrinsecamente a nova medida, pelos mais largos horizontes que abre ao aperfeiçoamento da técnica agrícola no futuro, como extrinsecamente vale pelo seu perfeito enquadramento numa politica realista e consciente, que na segurança do real apoio em cada caso as suas construções, e pela cooperação do official com o privado abrange e utiliza todo o somatório de energias da Nação, em vez de levanamente as desperdiçar.

## Contracto Colectivo de Trabalho

Por despacho superior de 3 de Março findo, foi constituida da forma seguinte a Comissão Corporativa emergente do contracto colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio dos Industriais de Cerâmica e o Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório deste Distrito. PRESIDENTE: Delegado do I. N. T. P. do distrito de Leiria. VOGAIS:

Por parte do Grémio Efectivos — Cerâmica do Liz, Lda, representada pelo Sr. Manuel Maia.

Substituto — Empreza Cerâmica de Alcobaca, Lda, representada pelo Sr. António J. M. Moreira.

Por parte do Sindicato Efectivo — Sr. João Ferreira do Rosário.

Substituto — Raul da Silva Mendigos.

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clínica geral

Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte

Médico da Casa do Povo

Figueiró dos Vinhos

J. M. Albuquerque Dias

ADVOCADO

Figueiró dos Vinhos

## COLMEIAS LUSALITE

Estas colmeias não se alteram com a humidade

Não envelhecem com o tempo

Não apodrecem

Não racham nem ganham fendas

Não empenam

Não ganham parasitas

Não são atacadas pela Tinha

Protegem as abelhas contra o frio e calor demasiados

O apicultor consciente

Não tem hesitações, manda hoje mesmo a sua encomenda.

Dirigir a Anibal Silveira

Herdade — Agente e Depositário dos produtos LUSALITE e outros materiais de construção. Figueiró dos Vinhos

## GOMA LACA

(Sintética)

Preços da tabela

Vende:

António Campos Figueiró dos Vinhos

## ANTÓNIO DA SILVA

COMERCIANTE

Fazendas de algodão, lanifícios, roupas brancas, etc.

R. Dr. José Martinho Simões

Figueiró dos Vinhos

## Batata opetadaite

Semente seleccionada

VENDE-SE

A. D. C. — Vila Amélia

Figueiró dos Vinhos

## EDITAL

### Licenças de Comércio ou Indústria

Doutor Manuel Simões Barreiros, Médico Cirúrgico pela Universidade de Coimbra e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faço saber que os indivíduos ou firmas, que na área deste concelho exerçam comércio ou indústria, devem solicitar as respectivas licenças camarárias

## Sociedade Comercial Figueiroense, Limitada

Por escritura de 2 de Março de 1945, lavrada de fls. 10 a fls. 12 do livro de notas n.º 154 do notário da comarca de Figueiró dos Vinhos, com cartório em Pedrógão Grande, foi constituída entre D. Maria Emília Nunes Agria Deniz de Carvalho, José da Conceição Santos e dr. João Deniz de Carvalho uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de *Sociedade Comercial Figueiroense, Limitada*, tem a sua sede e estabelecimento na vila de Figueiró dos Vinhos e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início, para todos os efeitos, desde o primeiro de Janeiro do corrente ano.

2.º — O seu objecto é o comércio de ferragens, tintas e outros materiais para construção, ou qualquer outro ramo que resolva explorar e para que não seja precisa autorização especial.

3.º — O capital social é de 30.000\$00, está inteiramente realizado em dinheiro, e corresponde à soma das cotas dos sócios por estes subscritas pela forma seguinte: 13.500\$00 do sócio D. Maria Emília Nunes Agria Deniz de Carvalho; 13.500\$00 do sócio José da Conceição Santos; e 3.000\$00 do sócio dr. João Deniz de Carvalho.

4.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, podendo todavia, qualquer dos sócios, fazer à Caixa Social, os suprimentos de que ella carecer, mediante o juro e condições em que acordarem.

5.º — A cessão total ou parcial das cotas, é livre entre os associados; porém, a cessão a favor de estranhos, depende do consentimento da sociedade e esta e os sócios, terão, respectivamente o direito de preferência.

6.º — A gerência e administração da sociedade e a sua re-

presentação em juizo e fora de le, activa e passivamente, ficam a cargo dos sócios D. Maria Emília Nunes Agria Deniz de Carvalho e José da Conceição Santos, ambos os quais ficam nomeados gerentes, sem caução e com uso da firma, podendo ser nomeado qualquer outro gerente, embora não sócio. Porém, qualquer dos sócios poderá, quando lhe aprouver fiscalizar e examinar toda a escrituração e movimento da sociedade. A firma, em caso algum poderá ser empregada em fianças, abonações, letras de favor e demais actos e e documentos estranhos aos negócios da sociedade.

7.º — Os balanços serão anuais, fechados com a data de 31 de Dezembro e os lucros líquidos apurados, depois de separados cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, na proporção das cotas e em igual proporção deverão ser suportados os prejuizos, se os houver.

8.º — Ocorrendo a morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade poderá continuar com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, sendo estes, porém, representados por um só, enquanto a respectiva cota estiver indivisa. No caso, porém, de o sobrevivente, representantes ou herdeiros do sócio falecido ou interdito, não quererem continuar na sociedade ou esta pretenda amortizar a respectiva cota, a amortização será feita pelo seu valor nominal acrescida do respectivo fundo de reserva e dos lucros apurados no último balanço.

9.º — A sociedade dissolve-se apenas nos casos e termos legais.

10.º — Em todo o omissio regularão as disposições applicáveis e designadamente as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901.

Pedrógão Grande, 15 de Março de 1945.

O Ajudante do Notário A. Farinha, Amândio Duarte Canelas

durante o mês de Abril próximo, na secretaria municipal, em impresso próprio, fornecido na mesma secretaria, ao qual juntarão a licença anterior, a apólice e recibo de seguro, se o tiverem efectuado, o alvará sanitário, se a este estiverem sujeitos, e o conhecimento da contribuição industrial paga ao Estado.

Os transgressores serão punidos pela forma indicada nas Posturas Municipais.

Para que não possa ser alegada ignorância, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu José Maria Dias de Albuquerque Saraiva, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Figueiró dos Vinhos, 26 de Março de 1945.

O Presidente da Câmara,

Manuel Simões Barreiros

## Campanha de esclarecimento

VALORIZAÇÃO  
NACIONAL

## Astucias

O que se tem feito pela Agricultura nêstes últimos anos

O Ministro da Economia promoveu uma série de conferências relativas às relações dos serviços oficiais com a lavoura e sua influência no progresso agrícola.

Temos assistido desde 1929 a uma grande renovação dos serviços oficiais agrícolas. Ampliou-se muito a sua acção com reflexos na maior produtividade dos géneros alimentícios de primeira necessidade. Por intermédio destes organismos se vem prestando uma assistência técnica bastante intensa. Como não podia deixar de ser a produção agrícola é hoje bastante superior à de anos atrás. Por intermédio da Junta de Colonização Interna muitos hectares de terra improdutivo foram chamados à cultura. Do mesmo modo as obras de hidraulica vão dando irrigação à terra de sequeiro triplicando a sua capacidade de produção.

Tudo isto se tem feito sem espalhafatos, aqui e ali aparecendo uma revelação na imprensa que passa despecebida do grande público. E, todavia, estes problemas deviam merecer um maior carinho das populações porque é graças às providências adoptadas desde 1929 em referência às coisas agrícolas que temos podido as-

istir a esta tremenda crise de abastecimentos que a guerra consigo trouxe.

A opinião pública quasi sempre mal orientada não conhece muito do que se tem feito nas esferas oficiais em benefício da população. Não importa que se tomem providências acertadas. É indispensável mostrar o que se fez. De contrário, é como se nada se tivesse feito.

A situação de Portugal quanto ao abastecimento público, tendo em conta todas as dificuldades, não tem aquele aspecto gravíssimo com que se apresenta noutros países da Europa, onde se morre de fome.

Por um lado, os progressos da lavoura, por outro lado, a disciplina corporativa, e, sobretudo, o conjunto das providências governativas, salvaram o povo português do flagelo da fome. Sem dúvida, não vivemos com a largueza de antes da guerra, vimos reduzidos os nossos consumos e pagamos mais caro o que comemos. Mas do mal o menos. Podemos viver, enquanto que lá fora não se vive, morre-se. Produzir e poupar. É este o lema que se impõe a todos nós. Subamos e corresponder a este apêlo.

J. C.

## "Revista TURISMO"

## Um esplêndido número dedicado ao Ribatejo

Está publicado mais um magnífico número da "Revista Turismo", respeitante a Março e dedicado à região do Ribatejo.

"Revista TURISMO", dirigida por António Bernardino Pardal, e tendo o escritor e jornalista Julião Quintinha como chefe de redacção, continua a publicar esplêndidos números que lhe asseguram o primeiro lugar entre a imprensa turística do país.

Neste número, que apresenta uma bela capa a cores, com uma fotografia artística de Manfredo, além dum valioso documentário fotográfico, onde se destacam fotos de Alvão e Beleza, pode apreciar-se a escolhida colaboração literária de: José Seabra, Cesar dos Santos, Vasco Calixto, José Luiz Ribeiro, Julião Quintinha, Américo, Durão, José Galeno, Fernando Reis, Armando Fais, Guedes de Amorim, Santada, Quintinha e Rebelo de Bettencourt.

Todo o número tem esmerado arranjo, devendo mencionar-se desenhos inéditos de Roberto Nobre.

Um número que honra a "Revista TURISMO" e faz a melhor e mais inteligente propaganda de Santarém e toda a região do Ribatejo.

## As divisões perdidas de Hitler

Pode fazer-se a seguinte lista de divisões alemãs separadas das principais frentes de batalha:

Pomerânia Oriental, Prússia Oriental e Corredor de Dantzig 20 divisões.

Letónia 25 divisões.

Noruega, incluindo as guarnições costeiras 15 divisões.

Itália 25 divisões.

Ao sul do Rio Drava 10 divisões, Costa Ocidental francesa e Ilhas do Canal 3 divisões.

Isto representa cerca de 90 divisões, muito mais do que o número total das divisões da frente ocidental.

## DESASTRE

No dia 29 de Março último, António d'Almeida Pires, de 28 anos, casado, filho de Manuel Pires Júnior, e de Ana da Conceição Almeida, do lugar do Casal dos Ferreiros das Bairradas, desta freguesia e concelho, devido a uma explosão de bomba, ficou com a mão direita esfacelada, pelo que teve de dar entrada nos hospitais da Universidade de Coimbra.

Não sabemos todo o bem que praticamos, quando praticamos o bem. — Elisabeth Leseur.

A segunda das conferências que, por iniciativa do Ministério da Economia se realizaram com o fim de esclarecer os problemas e realizações da agricultura, foi proferida pelo Director Geral dos Serviços Pecuários, dr. Fontes Pereira de Melo, sob a presidência do Sub-Secretário de Estado da Agricultura, Senhor eng. Homem de Melo.

Depois de historiar a evolução dos serviços e a sua intervenção no fomento agrícola, desde o meado do século passado até hoje, aquêl alto funcionário definiu os mais importantes campos de acção da pecuária portuguesa, onde o técnico veterinário, o lavrador e o industrial podem desenvolver uma valiosa acção para melhorar as condições de vida do agregado nacional.

No que respeita à sanidade pecuária, valiosíssima sem sido a acção dos veterinários e dos laboratórios do Estado.

No campo da hygiene têm os mesmos técnicos assegurado a genuidade e salubridade dos produtos de origem animal destinados à alimentação humana.

O fomento pecuário têm sido objecto de constante atenção do Estado e de alguns proprietários, devendo-se ao trabalho dos veterinários nas Estações Nacionais e em algumas casas particulares valiosos aperfeiçoamentos e selecções de raças.

Foi especialmente após o ano de 1933, época em que o Ministro das Finanças, Prof. Oliveira Salazar, concedeu largos créditos para a pecuária, que este importante ramo da agricultura se desenvolveu, através de moldes que garantissem a base científica dos produtos industriais, induzindo, ao mesmo tempo, os criadores de gados no gosto das selecções, na prática de arraçamentos e no aproveitamento integral dos produtos animais.

Os êxitos contam-se em cada um desses sectores, quer apreciados em trabalhos de conjunto, como os da Estação Zootécnica Nacional, quer na consagração de raças, como o merino, quer na base científica em que a produção da indústria lactícia hoje assenta, quer ainda na assistência prestada ao lavrador, de acôrdo com os preceitos fixados pela moderna técnica e estatuídos pelo Código Administrativo.

O dr. Fontes Pereira de Melo encarou ainda a possibilidade e vantagem de alargamento e intensificação destes serviços a todo o Império português, afirmando que dessa forma se concorrerá para o aproveitamento da riqueza pecuária e para a ordenação racional da sua exploração.

Fácil é concluir dos simples tópicos expostos o caminho já andado e o que há ainda a percorrer. Como fácil é verificar o impulso dado pelo Estado Novo à pecuária portuguesa, demonstrado com estas conclusões insofismáveis: criação de estações zootécnicas e laboratórios; assistência veterinária; garantia científica dos produtos industriais; selecção de espécies; passagem de Portugal da categoria de importador à de exportador, inversão de factores que diz tudo, mesmo aquêles que nada querem ver.

Assim se valoriza a Nação — na agricultura como o na indústria.

Se a palavra disfarça o pensamento,  
Já nos lábios não há sinceridade,  
E só os olhos falam a verdade,  
Definindo e mostrando o sentimento.

Os olhos indiscretos, n'um momento  
Desmentem as astucias da vaidade,  
Com que se esconde o amor — e as da maldade  
Em que os ódolos procuram alimento.

Pupila que se afasta fugidia,  
Que nos não fita, algum segredo tem...  
De si própria receita e desconfia.

E é natural julgarmos, quando alguém  
O seu olhar do nosso olhar desvia,  
Que nos quer muito mal — ou muito bem.

Maria de Carvalho

## Carreira de Camionetes

Desde o dia 2 do corrente, que a Carreira entre Bolo-Lisboa e Coentral-Bolo, da Firma Manuel Simões Barreiros e & Irmão, L.da desta vila, que estava fazendo as suas carreiras três dias por semana, voltou a fazer aquele trajecto diariamente.

## A nossa Carteira

## Visitas

Tem estado nesta vila em casa de seu cunhado, sr. António Alves Tomaz Agria, comerciante na nossa praça os srs. dr. Eduardo Caetano Nunes dig.<sup>mo</sup> notário em Lisboa e o sr. José Caetano Nunes, comerciante em Moura, que vêm acompanhados de suas ex.mas Famílias.

— Também esteve em casa do sr. Manuel Ferreira, conceituado armenista desta vila, o sr. dr. Rui Paiva, médico em Monte Rodondo — Leiria.

— A passar as férias da Páscoa esteve entre nós o sr. dr. José Coelho da Fonseca, Chefe da Repartição do Orçamento da Câmara Municipal de Lisboa, que vinha acompanhado de sua ex.ma Esposa e Filho.

— Na nossa Redacção, a apresentar cumprimentos, esteve o sr. Manuel Alves da Rosa, do Funchal.

— Encontra-se nesta vila o nosso assinante sr. Manuel Simões Arinto, comerciante em Outeiro Grande.

— Igualmente o nosso assinante sr. António Dias, digníssimo professor do magistério Primário em Lisboa.

— A passar a Páscoa, encontra-se alguns dias em Aldeia Fundeira, o sr. João Alves Pereira, do Cartaxo.

## Partidas

Depois de estar alguns dias nesta encantadora vila, já retirou para Lisboa, o sr. Engenheiro Rui Alpoim, a fim de retomar o seu cargo no Ministério da Economia.

## Aniversários

Passou no dia 16 de Março, próximo passado, o aniversário natalício da menina Alzira da Silva e Souza.

Os nossos parabens.

## A situação alimentar na Inglaterra

O coronel Llewellyn, ministro da alimentação, forneceu informações acerca dos armazenamentos de géneros na Grã-Bretanha. São factos que se devem acentuar. O coronel Llewellyn disse que se pensava na América que a Grã-Bretanha tinha uma armazenagem de 700 milhões de toneladas de géneros alimentícios. O ministro disse:

« Bem queria que isso fôsse verdade. Mas o facto é que nunca, em qualquer altura da guerra, a armazenagem de géneros atingiu qualquer coisa que se parecesse com isso. Se tivéssemos tido uma tal quantidade, as nossas inquietações teriam sido bem menores. Conservamos sempre géneros alimentícios em ligeiro excesso, sempre que houve graves riscos de perdas devido à acção dos submarinos e à ameaça das perdas em consequência dos bombardeamentos aéreos. Uma vez que a situação mudou bastante no ano passado, decidimos, com satisfação, a reduzir essas armazenagens. Pusemos à disposição dos civis da Europa libertada a quantidade de géneros que tínhamos neste país por motivo de garantia. Decidimos fazer isso alguns dias antes do dia D e antes de conhecermos completamente as condições que fomos achar na Bélgica, na França, Holanda, Grécia e outros países. Hoje a posição é que os stocks se acham reduzidos ao nível requerido para uma distribuição eficaz. Já não temos excesso nem armazenagens de garantia. »

## Publicações recebidas

## Imprensa:

Com regularidade temos recebido por permuta a visita dos prezados colegas:

Aleo; A Voz Portalegrense; A Vida Ribatejana; Ecos do Alentejo; Correio do Sul; O Cezimbrense; Jornal de Moura; Região de Leiria; O Globo; O Gráfico; Ecos da Serra; O Castanhelense; O Povo da Louza; O Comércio de Chaves; A Comarca da Sertã; Jornal de Abrantes; A Voz do Operário; Comércio do Porto; O Diário Popular; Ecos da Serra; O Sado; Notícias de Penatova e O Mensageiro.